Uma aposta insuficiente: os serviços especializados em cuidados paliativos aumentam 38% em África, mas ainda estão longe de cobrir as necessidades do continente

Apresentado o novo Atlas de Cuidados Paliativos de África, um estudo de 54 países liderado pelo Observatório Global de Cuidados Paliativos ATLANTES da Universidade de Navarra e pela African Palliative Care Association (APCA)

Gaborone (Botsuana), 24 de setembro. O mapa do desenvolvimento dos cuidados paliativos em África revela que o continente tem feito importantes esforços, mas o resultado continua a ser insuficiente. Os serviços especializados aumentaram 38%, mas ainda contam com uma média de apenas 0,06 serviços por cada 100.000 habitantes. Este número é insuficiente para cobrir as necessidades do continente, onde seria desejável alcançar, pelo menos, 2 serviços por cada 100.000 pessoas. Este é o cenário mostrado pelo **novo Atlas de Cuidados Paliativos de África,** um estudo que oferece a informação mais completa e rigorosa até agora sobre a situação no continente.

A investigação foi liderada pelo **Observatório Global de Cuidados Paliativos ATLANTES**, do **Instituto Cultura e Sociedade (ICS) da Universidade de Navarra**, em colaboração com a **APCA**. Nesta quarta-feira, foi apresentado no 8º Congresso de Cuidados Paliativos de África, realizado em Gaborone (Botsuana).

Os dados atualizam e ampliam a edição anterior, publicada em 2017, aplicando o novo quadro conceptual da **Organização Mundial da Saúde** (OMS), da qual o ATLANTES é centro colaborador. Além disso, contou com a participação e apoio de 121 consultores especialistas de 50 países africanos, capacitados através de um curso oferecido pela Universidade de Navarrae ATLANTES, que trabalharam no terreno para recolher e verificar a informação.

Necessidades urgentes

Estima-se que mais de **17 milhões de pessoas enfrentem sofrimento grave** relacionado com a saúde em África. Apesar do decidido esforço no aumento das políticas de saúde em cuidados paliativos, o mapa mostra necessidades urgentes. Apenas o Uganda alcança o nível Avançado e só cinco países — África do Sul, Maláui, Quénia, Marrocos e Ruanda — têm cuidados paliativos bem estabelecidos. No outro extremo, Angola, Burundi, República Centro-Africana, Chade, Guiné Equatorial, Eritreia, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Somália não dispõem de serviços especializados. No conjunto, mais de metade do continente ainda se encontra em estado emergente no desenvolvimento dos cuidados paliativos.

Outra questão preocupante é o **limitado acesso a medicamentos para aliviar a dor**: em 76% dos países, a morfina oral está disponível em menos de 10% dos centros de atenção primária urbanos; essa escassez estende-se a 85% nas zonas rurais. Apenas em países como Maurícia, Marrocos, Namíbia e Ruanda a disponibilidade urbana ultrapassa os 70%. No caso das crianças, existem apenas 102 serviços especializados de cuidados paliativos pediátricos em todo o continente — e mais de metade concentram-se apenas em três países: África do Sul, Zâmbia e Uganda.

O estudo revela marcadas d**esigualdades entre os países africanos anglófonos e não anglófonos**. Os primeiros alcançaram de forma consistente melhores resultados no acesso a medicamentos essenciais para a dor — como a morfina oral —, na formação de profissionais e na disponibilidade de serviços especializados, incluindo pediátricos. Além disso, enquanto os países anglófonos publicaram até quinze vezes mais investigações, os não anglófonos continuam com produção científica muito reduzida, o que limita a evidência localpara orientar as suas políticas e aumentaa dependência de modelos externos.

Avanços

Ainda assim, há motivos para esperança, pois já são 10 os países que contam com **estratégias nacionais independentes** em cuidados paliativos; 25 os integraram em planos mais amplos; e seis estão a trabalhar em políticas. Entre eles, Chade, Djibuti, Guiné-Bissau, Lesoto e Níger, onde nunca antes tinham sido considerados.

Além disso, já são 26 os países africanos que dispõem atualmente de uma autoridade nacional de cuidados paliativos enquadrada nos seus Ministérios da Saúde (oito mais do que em 2017), dos quais Benim, Maláui, Ruanda e Uganda contam com organismos de coordenação plenamente estruturados. Por outro lado, Guiné Equatorial, Lesoto, Gâmbia e Zâmbia perderam o estatuto de autoridade nacional, o que reflete a fragilidade destes avanços.

Destaca-se o caso de **Uganda como referência** em cuidados paliativos na África. Este país de baixa renda, com mais de 51 milhões de habitantes, foi um dos primeiros a garantir o acesso gratuito e descentralizado à morfina oral e a permitir a sua prescrição porenfermeiros. Também se destaca na criação de indicadores nacionais para monitorizar a situação e na integração dos cuidados paliativos na cobertura universal de saúde. Além disso, Uganda incorporou a formação em cuidados paliativos nos currículos de graduação de todas as escolas de medicina, enfermagem e de oficiais clínicos. Em outros países, a obrigatoriedade limita-se sobretudo à medicina, embora Quénia, Maláui e Zimbabué já a tenham integrado também na enfermagem

Uma ferramenta prática

O Atlas de Cuidados Paliativos de África procura ser uma ferramenta prática de **promoção e sensibilização** em todos os países, e contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas. Com mapas e infográficos, apresenta a informação de forma clara e acessível, e pode ser consultado gratuitamenteno site do ICS.

Este atlas constitui a terceira edição de uma série de cinco publicações que irão reunir, pela primeira vez, um mapa global dos cuidados paliativos. Em abril foi lançado na Malásia o dedicado à região da Ásia-Pacífico e, em maio, em Helsínquia, o da Europa. Ao longo deste outono serão apresentados os dedicados às Américas e ao Mediterrâneo Oriental, complentando o panorama mundial.

Instituto Cultura y Sociedad
Serviço de comunicação
T +34 948 425 600, ext 805611 / 802545
lescalada@unav.es / nrouzaut@unav.es
www.unav.edu/ics